



## **ORAR EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS**

continuamos a ferir  
com as nossas palavras,  
a ternura infinita de Deus Pai-Mãe

"Como é possível que, nas nossas orações, em vez de pronunciar o seu nome com sumo cuidado e amoroso respeito, continuemos a invocar a Deus de maneira tão injusta e distante? Em vez de acolhermos a sua imensa ternura que só pensa no nosso bem, e agradecer a sua veemente preocupação pelo mal, continuamos a imaginá-lo – ainda “sabendo” que tal não é possível – distante e inativo, capaz de abandonar a sua capacidade de auxílio e de remédio. E continuamos a repetir fórmulas e palavras que feririam a sensibilidade de qualquer mãe ou de qualquer pai: atendei, tende compaixão, escutai e piedade...”, escreve o teólogo espanhol ANDRÉS TORRES QUEIRUGA, em artigo publicado em *Religión Digital*, 14-04-2020.

**D**IZ-ME COMO É A TUA ORAÇÃO, que eu te direi como é o teu Deus; ou melhor: dir-te-ei como é a tua imagem de Deus. Diz-me como é o teu Deus, que eu te direi como é a tua oração; ou melhor: dir-te-ei como deveria ser a tua oração. Diz-me como é a oração da tua igreja, e eu te direi como é que ela está a anunciar Deus no âmbito da atual cultura; ou melhor, dir-te-ei como ela vai configurando a nossa sensibilidade cristã. Diz-me como é a tua oração face ao mal, que eu te direi se ela contribui para converter a imagem do teu Deus numa “rocha do ateísmo”, ou numa garantia de confiança inabalável.

### **Transcender a oração de petição**

As perguntas são sérias, porque atingem o núcleo da fé cristã. O que aqui nos interessa, concretamente, é a dificuldade real que a oração de petição apresenta, quando feita perante o Deus anunciado por Jesus. É, por isso, conveniente irmos às fontes. Felizmente, já os discípulos o fizeram antes de nós: “Mestre, ensina-nos a orar, como João ensinou aos seus discípulos.

Respondeu-lhes Jesus: quando orardes, dizei: Pai, seja santificado o teu Nome! Venha a nós o teu Reino!” (Lc 11, 1-2).

### **Pai, santificado seja o teu Nome**

Desde que Jesus de Nazaré orou e viveu no meio de nós, o verdadeiro nome de Deus é Pai, Abba: pai-mãe, num amor dedicado e numa ternura atenta e sem descanso. Preocupado, sobretudo, com o sofrimento, o medo e a angústia que, em momentos com o que vivemos atualmente, assaltam as suas filhas e filhos.

Vêm-nos à memória as suas palavras: se mesmo sendo maus, os pais humanos apenas pretendem o bem de seus filhos, “quanto mais” o vosso pai celestial! Se todos os dias nos assustam as notícias de contágios e de mortes; se, olhando à nossa volta, se nos aflige o coração, ao pensarmos nas aflições por que estão a passar os desamparados e sem abrigo, os imigrantes sem lar; se, a pouca distância de nós, nos países pobres e em todo um continente, podem estar a morrer milhares, talvez milhões, de pessoas... que poderemos nós pensar de Deus? É óbvio que, tomando a Jesus como modelo, somente podemos conceber este coronavírus como uma terrível coroa de espinhos que dilacera, cruelmente, o seu coração de Pai.

### **Um amor maior do que tudo o que se possa pensar**

Pobre metáfora, certamente; antropomorfismo balbuciante. Porém, o seu significado é pobre, não por exagerar, mas sim, por ser demasiado contido. Nós que temos a sorte de ter vivido a experiência de, se necessário fosse, os nossos pais mães estarem dispostos a morrer por nós, temos, aqui, um ligeiro vislumbre do que pode ser – misteriosa, porém certa – a preocupação divina pelo sofrimento humano: o cuidado ativo, o empenho firme de Deus, face a este mal terrível que atormenta o seu mundo. Antes do próprio Evangelho, já Isaías o tinha dito: ainda que uma mãe algum dia se esqueça do seu filho, nunca o nosso Deus se esquecerá de nós.

Jesus, comovido, quase me atrevo a dizer obcecado, pela intuição abissal desta preocupação absolutamente prioritária de Deus pelo sofrimento dos seus filhos e filhas, ousou proclamar: “santificado seja o teu nome”. Era o respeito e a adoração. Era a ação de graças a surgir ardente do seu íntimo, num “hino de júbilo”, face ao mistério entranhável deste nome santo. Foi esta a boa nova que quis transmitir à humanidade, não como mensagem esotérica, reservada a sábios e a peritos, mas sim aberta e compreensível para todos, a começar pelos mais pequenos e simples.

Face a esta constatação, sou mais uma vez assaltado pelo espanto que há já algum tempo me acompanha: como é possível que, nas nossas orações, em vez de tratar este nome com sumo cuidado e amoroso respeito, continuemos a invocar a Deus de maneira tão injusta e distante? Em vez de acolhermos a sua imensa ternura que só pensa no nosso bem, e de darmos graças pela sua veemente preocupação pelo mal, continuamos a imaginá-lo – embora sabendo que tal não é possível –

distante e inativo, esquecido de exercer a sua capacidade de auxílio e de remédio. Continuamos a repetir fórmulas e palavras que feririam a sensibilidade de qualquer mãe ou de qualquer pai: atendei às nossas súplicas, tende compaixão, escutai e tende piedade...

### **Transcender conservando os valores**

Nunca é, com certeza, essa a nossa intenção; é isso, porém, o que dizem as nossas palavras e o que, depois, como consequência fatal, traduzimos nas nossas práticas: tentar convencer Deus, recorrendo a intercessores e advogados, conquistar o seu favor com oferendas e preces, ou levá-lo a compadecer-se de nós com sacrifícios.

É difícil pensar na constante e inconsciente facilidade com que, em vez de escutarmos no, no nosso íntimo, o chamamento de Jesus – “santificado seja o vosso nome” –, continuamos a ferir com as nossas palavras a infinita ternura evocada pelo santo nome do Pai.

É este o único e verdadeiro nome do Deus anunciado por Jesus. Do Deus que “é amor” ou, numa tradução mais exata, que “consiste em estar amando”: que “não dorme nem cabeceia de sono”, mas que vigia cheio de amor pelo seu povo. Do Deus que não sabe, não quer, nem pode fazer mais do que amar, preocupado, única e exclusivamente, com o bem de todas e cada uma das suas criaturas. Do Deus que nos criou, não para a sua glória, mas sim para o nosso bem; não para que o servissemos, mas para nos ajudar, proteger e, usemos dizê-lo, para que Ele nos “servisse” a nós “.

Corrigir e curar as “doenças da linguagem”, tornou-se uma das grandes

preocupações da filosofia moderna. Curar as doenças das palavras com que formulamos as nossas orações, constitui um forte e urgente apelo à teologia... e, mesmo, ao senso comum. Ao recordarmos de Jesus, sem nos escudarmos em *literalismos* fundamentalistas e, acima de tudo, por respeito a Deus e à ternura do seu infinito amor, não deveríamos recorrer a desculpas ou nuances, nem a subterfúgios linguísticos ou teológicos. Não adianta argumentar que as nossas orações não dizem o que as palavras significam: “quando pedimos, não queremos pedir; quando, em coro e insistentemente, exortamos Deus a ser compassivo e misericordioso, não pretendemos com isso afirmar que ele o não seja...”. E isto para não falar de tantos textos teológicos que, escudando-se de forma falsa e fundamentalista, no livro de Jó, afirmam que podemos rebelar-nos contra Deus, exigir-lhe contas, repreendê-lo com palavras ofensivas, ou até, ousar tolices piores ainda, como a blasfêmia. Com menos razão, falou Karl Barth, um dia, de “piedosas poucas vergonhas”.

***Curar as “doenças da linguagem”, tornou-se uma das grandes preocupações da filosofia moderna e uma urgência teológica***

Entenda-se que não pretendo julgar intenções subjetivas. E, muito menos, pretendo incentivar ao abandono da oração. Orar sem descanso nem interrupção, deve ser a água que fertiliza cada minuto da nossa vida. Do que se trata aqui é de orar bem. Não abandonar – como seria isso possível? – a oração, mas purificá-la de falsas excrescências, rotinas ou pressupostos

demasiado humanos, que obscurecem o seu verdadeiro significado, e perturbam os valores mais profundos e autênticos que ela contém.

É por isso que falo de transcender a petição. Encontrando-se ela nas Escrituras e ao longo de toda a história, seria injusto, da minha parte, não reconhecer na petição valores muito profundos e inalienáveis: humildade diante de Deus, sentir-se necessitado da sua ajuda, assumindo a sua bondade, compaixão e solidariedade para com os que sofrem, desejo de nos aperfeiçoarmos a nós mesmos e de ajudar os outros... Seria insensato tentar negar tudo isso, e um verdadeiro crime religioso pretender anulá-lo. Trata-se, exatamente, do oposto: de reconhecer esses valores e de os proclamar como tais; mas limpando-os da escória, involuntária mas corrosiva, que os contradiz e perverte, recorrendo à enorme força transformadora que a linguagem exerce sobre o espírito humano.

Porque é essa corrosão que ocorre de cada vez que convertemos a límpida exposição desses valores, numa petição dirigida a Deus, utilizando palavras que, independentemente da nossa intenção, pervertem o seu significado. A Deus, não provocam mal nenhum, pois Ele bem conhece a nossa boa intenção. Mas a nós sim, pois como já dizia Sócrates, falar mal “danifica as nossas almas”. Facto que, hoje em dia, um simples olhar pela filosofia da linguagem nos pode confirmar e corroborar em grande medida.

Sem graves danos, tanto para a fé como para o seu anúncio, não se pode persistir em pedir, a quem outra coisa não faz do que dedicar-se a ajudar-nos; em convencer quem está, sempre e sem descanso, dedicado ao nosso bem; em

mover à compaixão quem, com infinita preocupação, tenta levar os nossos corações a colaborar com Ele: o Misericordioso, na busca do bem para os seus filhos e filhas. É uma inversão de valores tão flagrante e clamorosa que, se a não pudéssemos atribuir à rotina, à inadvertência, ou mesmo, às boas intenções, poderia considerar-se uma monstruosidade religiosa. Porque não só transtorna a ordem da criação, como ainda, e acima de tudo, pressupõe um ataque cruel e doloroso contra o amor de Deus. “Estou à porta e bato, se alguém a abrir, entrarei...”, diz o livro do Apocalipse. Um símbolo, quase um apelo, que sugere a grandeza desta inversão.

Se alguém ainda suspeitava ou temia que, negar a oração de petição, implicaria arrogância ou autossuficiência, negando a humildade da condição humana diante de Deus, deve compreender que significa exatamente o oposto: não há nenhuma confissão mais profunda da verdadeira pobreza humana, do que reconhecer que tudo nos vem de Deus, absolutamente tudo, desde a existência ao próprio desejo de orar. Qualquer sentimento de compaixão, e toda a tentativa de ajudar o próximo, são já, sempre, uma resposta a uma iniciativa divina que nos serve de fundamento, nos precede, nos envolve e nos convoca. A nossa oração deve consistir num impulso para nos deixarmos inundar, convencer e mover por essa onda infinita de ação criadora e de amor salvador.

Aí reside a verdadeira humildade, que não infantiliza nem humilha, mas que anima e promove. Lutero, maravilhado com a gratuidade absoluta da graça, exclamou espantado: “somos mendigos; essa é que é a verdade”. Felizmente, é apenas meia verdade. Porque a nossa

pobreza é, apenas, a marca da nossa finitude, de uma criatura que precisa de ser gerada no tempo e feita na história. Mas não é uma finitude marcada pelo abandono ou pelo desprezo. Não somos escravos nem mendigos: somos filhas e filhos, infinitamente amados e definitivamente amparados.

### ***Somos filhas e filhos definitivamente amparados***

#### **Que venha o teu Reino**

Iluminados pela palavra, pelo exemplo e pela vida de Jesus, temos a certeza de que não nos faltará o amor de Deus. Mas já não se passa o mesmo com a nossa fé nesse amor. A nossa capacidade é demasiado pequena para acolher a sua grandeza. Está sempre a caminho e nunca chega ao seu termo. A oração deve ser o grande remédio que assegura a fé e encoraja a sua realização.

Invocar Deus como Pai (Mãe) é fácil e reconfortante; goza, mesmo, de uma evidência espontânea. Mas não é tanto assim, quando colide com a realidade dos nossos limites: tanto com a nossa impotência para sermos tudo o que queremos ser, como com as feridas do sofrimento e da injustiça. Surge, então, a dúvida e aparece a resistência.

Acreditar, então, que somos verdadeiramente filhas e filhas de Deus, não é tão evidente assim. Quando nos sentimos culpados diante de Deus, agimos como o filho pródigo: somos incapazes de acreditar no seu amor, e tratamos como um juiz – “trata-me como um servo” – quem nunca deixa de ser nosso pai. Acreditar, verdadeiramente, que somos irmãs e irmãos é, talvez, menos evidente e, na realidade efetiva, nem sempre

acreditamos nisso. Perante a necessidade alheia, podemos “fechar as entranhas” ou, na melhor das hipóteses, apercebemo-nos sempre da nossa incapacidade de ajudar.

À invocação de Deus como pai, Jesus acrescenta, imediatamente, a segunda invocação: “Que venha o teu Reino”. Há uma fina duplicidade nas invocações do Pai nosso: nem sempre é claro se elas representam uma proclamação afirmativa do que Deus faz, ou um pedido para que o faça. As duas valências estão presentes na forma de nos expressarmos. Na primeira invocação – “Santificado seja o teu nome” – é fácil inclinarmo-nos para a afirmação. Já assim não é na segunda – “que venha o teu Reino” – que, facilmente, se pode entender como um pedido.

É bem possível que, também, na *linguagem* de Jesus, no âmbito da sua cultura religiosa, esta dualidade estivesse presente. É por isso que é importante ultrapassar as palavras, para irmos ao fundo genuíno da sua intenção. E esta diz-nos, sem qualquer dúvida, que o fundamental é a primazia de Deus, como aparece, claramente, na sua proclamação inaugural: “Completo-se o tempo e está próximo o reino de Deus. Mudai de mentalidade e acreditai na boa-nova” (Mc 1, 15). Anuncia o que Deus está a realizar e solicita a nossa resposta, convidando-nos a acreditar e a alterar a nossa conduta, entrando no dinamismo divino, a fim de que o Reino se realize.

Vale a pena confirmá-lo, lembrando o “Hino de júbilo”, quando Jesus, maravilhado de êxtase com a gratuidade infinita do amor divino, exclama: “Louvo-te ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste

aos humildes”. A experiência de Jesus não se inclina para a súplica, mas para a proclamação, perante todos das maravilhas que Deus opera. E o evangelista – que falava de Jesus já ressuscitado, com total transparência divina –, coloca na sua boca palavras que nos encorajam a depositar plena confiança em Deus: “Vinde a mim todos vós que estais esgotados e carregados e eu dar-vos-ei descanso” (cf. Mt 11,25-27; Lc 10,21-22).

***É importante ultrapassar as palavras, para irmos ao fundo genuíno da sua intenção***

É esta a intenção mais profunda e genuína da boa-nova de Jesus. Chegar a ela, reavivando a fé e a confiança na atividade salvadora de Deus e animarmo-nos a obedecer-lhe, acolhendo-a e transformando-a em realização histórica, eis o que define o significado autêntico da oração. Mas não é algo fácil de entender, sem nos deixarmos levar pela tendência espontânea, desviando a verdadeira orientação da oração, para a transformar num pedido. Ou seja, como já dissemos anteriormente: transformamos o apelo que Deus nos dirige, numa súplica que *nós* fazemos a Deus.

**A oração e o problema do mal**

É certo que, na realidade viva da oração, tudo se mistura, e já dissemos que, felizmente, na própria petição, pode estar implícito o reconhecimento da iniciativa divina. Mas isso não deve ocultar a importância do problema, tanto no que respeita ao santo nome de Deus, como na gratidão e cuidado em

não ferir a incrível ternura de seu infinito amor. Para afinarmos a nossa sensibilidade, e compreendermos, com mais precisão, onde estão as diferenças, poderá servir-nos de ajuda a análise de dois exemplos bem conhecidos do próprio Evangelho. O primeiro, fala da oração, quando experimentamos os limites da nossa impotência humana. O segundo, mais profundo e delicado, refere-se a uma oração colocada na boca do próprio Jesus, diante da questão do sofrimento, tantas vezes incompreensivelmente terrível, imposto pela injustiça humana.

### **Orar a partir da própria impotência**

“Creio, Senhor, mas aumentai a minha fé” (Mc 9, 24). Não vamos, aqui, considerar a cena tal como ela aconteceu no evangelho, onde o que é dito pode fazer total e correto sentido: o pai de uma criança epilética pede a Jesus que o ajude a progredir na sua fé. Foi o que Jesus fez durante toda a sua vida, vida essa regida pela interação normal, de instrução, exemplo e ajuda, dentro do desenrolar da história humana. Situemos esta nossa consideração na atual situação, em que, graças ao evangelho, oramos perante Deus invocando-o como Pai.

Neste caso, a nossa reflexão altera-se. Temos consciência de que acreditamos, mas, também, de que o não fazemos com toda a força, com toda a confiança e com toda a dedicação que gostaríamos de ter. Nasce, assim, em nós, o desejo de melhorar. Em si, esta reação é justa e correta. A questão está na forma como gerir esse desejo. Acostumados às relações humanas, tendemos, espontaneamente, a pedir ajuda, como, geralmente, acontece entre nós, porque, muitas vezes, aqueles que nos poderiam ajudar, ou não se apercebem disso, ou,

mesmo que se apercebam, talvez não estejam dispostos a fazê-lo. Na oração, porém, a nossa relação é com Deus, que “já sabe do que precisamos, antes mesmo de lho pedirmos”, como Jesus nos ensinou; que, num puro ato de amor, embora uma mãe possa algum dia esquecer-se, ele nunca se esquecerá, como já Isaías havia dito; e que, como nos recorda o Evangelho de João, “vem trabalhando sempre, desde o princípio do mundo”.

Aqui se situa o ponto preciso em que se nos depara uma ténue “linha vermelha”. Porque, sem nos apercebermos disso, podemos utilizar, na nossa relação com Deus, critérios simplesmente humanos, ignorando o seu caráter único, e invertendo, completamente, o seu significado: reagimos pedindo, no suposto de que Deus age como nós. Então, queiramos ou não, dá-se uma inversão na verdadeira relação com Deus, visto que, desta forma, a realização do desejo depende d’Ele: se não se cumpre, é porque Deus não quer fazer algo que está nas suas mãos.

Daí a nossa reação de lho pedir, suplicando, lembrando-lhe... Mas é claro que não é essa a relação que se deve estabelecer, com base naquela fé que, embora imperfeita, nós temos e professamos. Graças a essa fé, sabemos que, da parte de Deus, tudo, não só nos está já oferecido, como generosamente entregue. Qualquer coisa que possa faltar, seja lá o que for, será sempre da nossa parte: ou porque não sabemos, ou não somos capazes, ou porque resistimos ou, o que é pior ainda, por não querermos.

Conscientes desta clara inversão de valores, é evidente que o procedimento verdadeiramente correto e saudável, o “nosso dever e salvação”, é respeitar a ténue linha vermelha. *Hoje* em dia, a

nossa oração já não pode – nem deveria poder – consistir em repetir, literalmente, diante de Deus, as palavras que o pai da criança disse diante de Jesus. Agora, estamos, claramente, conscientes de que Deus nos ajuda constantemente, e de que, se alguma coisa falha, isso se deve à forma como nós correspondemos, como acolhemos a sua ajuda e a levamos à prática, na medida das nossas possibilidades. A oração bem orientada deve, portanto, consistir em: a) reavivar a nossa fé, na certeza de que contamos com a ajuda divina, que nunca nos faltará, estando sempre pronta a oferecer-se-nos; b) tentar discernir para onde é que Deus nos guia e encoraja; c) estimular a nossa vontade de pôr em prática o que consideramos ser a resposta fiel. (E, como mais adiante se dirá, aceitar a finitude: nem sempre é possível realizar os nossos desejos, apesar da ajuda divina e da resposta humana positiva).

***Agora, estamos, claramente, conscientes de que Deus nos ajuda constantemente, e de que, se alguma coisa falha, isso se deve à forma como nós lhe correspondemos***

Por isso mesmo, a consequência a retirar será formular a nossa oração de forma a expressar, com palavras verdadeiras, a relação viva assim estabelecida. Ou seja, procurar palavras que evidenciem e preservem a verdade da nossa relação com Deus, abrindo o nosso ser à sua luz, e procurando acolhê-lo e deixar que nos ajude. Mais uma vez, não se trata de sermos nós a chamar: é Deus quem nos chama, e pede que abramos a porta ao seu

chamamento. Trata-se de uma proposta tão grande, tão contrária à nossa cultura de desinteresse, egoísmo, desperdício e passividade, que é algo literalmente incrível para nós. Por alguma razão dizia Santo Agostinho: “*si comprehendis, non est Deus*”.

Mesmo assim, se bem considerarmos, não se torna difícil perceber a verdadeira orientação. A dificuldade está na imaginação. Cheia como está de fórmulas repetidas desde a infância, tudo a inclina na direção oposta, dificultando uma correta formulação correta da oração. Inicialmente, pode acontecer que nos falem as palavras, e que fiquemos sem saber o que dizer. Nessa altura, o que é preciso é não desanimar, mas sim termos uma consciência clara da situação: nós diante de Deus, do Deus de Jesus, que nos envolve com o seu amor e nos apoia com a sua graça.

É urgente pôr mãos à obra, e levar muito a sério a importância do que está em jogo: a imagem autêntica de Deus, o respeito pelo seu santo nome, a gratidão pela sua ternura, o “bem das nossas almas”. Também – e cada vez mais, nesta nossa cultura crítica e secularizada –, o destino da fé no mundo. Um mundo que, não estando já a ser educado com catecismos nem sermões, escuta e interpreta as orações no seu significado normal e correto, segundo o que elas exprimem, literalmente, e nos vem explicado nos dicionários. Não é de estranhar que, a muitas pessoas hoje em dia, lhes pareça quase impossível acreditar num “Deus” cuja imagem se reflete em tantas e tão diversas orações.

De facto, não escondo o meu espanto perante a existência de cristãos e, especialmente, de teólogos e teólogas que não sentem a urgência do



problema, e que continuam a negligenciar a tarefa de formular novas orações, buscando palavras, fórmulas e expressões que *exprimam a verdade*. Talvez, num primeiro momento, elas nos possam soar como algo desajeitado ou pouco elegante. Mas não é, assim, tão difícil perceber qual o caminho a seguir. Antes de mais nada, cairmos na conta de que tudo se pode dizer, desde que sirva para expressar, com verdade, a nossa relação com Deus-Pai. Por exemplo: agradecimento, adoração, confiança; e, também, as necessidades, carências e desejos, desde que o façamos sempre na condição de tudo envolver com o que se poderia chamar “o porém da fé”: não somos capazes de, sentimos pena de, queremos ajudar e sentimo-nos impotentes, nunca mais nos resolvemos a agir... porém sabemos que Tu, Senhor, estás connosco, que és Tu próprio que nos recordas estas carências, e que suscitas em nós estes desejos, que nos continuas a apoiar e encorajar sempre que possível...; apoiados em ti, confiamos, queremos seguir em frente, trabalhar pela vinda do teu Reino...

***Não somos capazes de, sentimos pena de, queremos ajudar e sentimo-nos impotentes, nunca mais nos resolvemos a agir***

As palavras ficam sempre aquém do que pretendemos, mas é fácil ver que aqui se nos abre uma ampla porta para a iniciativa, a comunicação de experiências e, antes de mais nada, para a generosidade fraterna daquelas pessoas especialmente criativas neste campo. Criar novas orações, inventar novas expressões e sugerir palavras justas, pode ser um instrumento

precioso para renovar a fé, alimentar a esperança e reconfigurar uma imagem de Deus um pouco mais de acordo com o *Abba* anunciado por Jesus.

Tendo em conta o que já se disse a este propósito, podemos abordar, agora, o segundo exemplo, reinterpretando as palavras de uma oração que o Evangelho lhe atribui.

### **Orar face ao sofrimento e à injustiça**

“Abba, Pai, tudo te é possível, afasta de mim este cálice. Porém, não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres” (Mc 14, 36). Esta cena comovente, justamente famosa e muito comentada, constitui uma delicada pedra de toque para afinar o sentido da oração. A angústia que o coronavírus está a desencadear na humanidade, permite-nos captar, com especial profundidade, algo do terrível drama vivido por Jesus de Nazaré, na escuridão daquela noite, no Monte das Oliveiras. Um dos evangelistas chega, mesmo, a falar em suor de sangue. E as palavras dessa oração, ainda hoje continuam a ser, profundamente, comovedoras. Nelas se revela, em toda a sua dureza, o problema humano do mal, enquanto impotência perante o sofrimento físico, e perplexidade incompreensível face à maldade humana. Por outro lado, no aspeto religioso, enquanto um mal vivido na presença de Deus, estamos perante um caso limite – se pensarmos no protagonista, talvez seja mesmo o caso limite –, para nos questionarmos sobre o significado da oração face ao mal: por que não atua Deus? Por que razão consente nisto?

A cena é real, assim como a angústia que ali se vive. Não temos, contudo, certeza que estas palavras tenham saído diretamente da boca de Jesus. É até improvável que sim, dado que a cena

nos é descrita como estando só, afastado dos discípulos, sem ninguém que o pudesse escutar; e, depois, a sequência dos acontecimentos não deu azo a grandes confidências. Do que podemos estar certos, é de que o sentido desta oração corresponde à pregação e à vida de Jesus. Seja como for, ele poderia tê-la pronunciado tal como chegou até nós.

Para os intérpretes, esta circunstância supõe, dalgum modo, uma sorte, pois ajuda a distinguir entre a experiência vivida no jardim, e as palavras que a interpretam e a tentam expressar nos evangelhos. A hermenêutica moderna destaca o caráter delicado e nunca totalmente discernível desta distinção, que não é, simplesmente, a que existe entre a fruta e a casca, ou entre a pessoa e o que ela veste. Qualquer experiência é já, sempre, uma experiência interpretada. Enquanto fazendo parte da interpretação, as palavras traduzem, inevitavelmente, a marca da língua, da cultura e, até, da mentalidade religiosa da tradição e do tempo em que são pronunciadas ou escritas.

Estamos, pois, perante uma oração “teológica”. O que significa que, interpretar o seu significado, não implica ter de a tomar à letra. Convida sim a aproximarmo-nos da experiência que nela se reflete, mesmo sabendo que, também esta nova interpretação, só pode ser formulada de acordo com modelos condicionados pela atual situação religioso-cultural. É o risco (Geffré) e o conflito (Ricoeur) a que se está sujeito nesta difícil empresa da interpretação, que exige de nós, ao mesmo tempo, suma modéstia e extremo rigor.

Esta dificuldade, porém, não significa, assim sem mais, ceticismo ou relativismo, porque não é

intransponível. O que se exige é, cada vez mais, rigor e responsabilidade. Para dar um exemplo muito simples, pense-se na tradução de um texto difícil sobre um tema profundo. As suas traduções serão, inevitavelmente, diferentes umas das outras, e nunca se conseguirá alcançar a interpretação perfeita. Mas, mesmo assim, e simplificando um pouco o raciocínio, sabemos que é possível chegar a uma tradução que seja aceitável e nos transmita o sentido fundamental do texto. E com uma segurança ainda maior, se pode ter a certeza de que, determinada interpretação, é claramente falsa.

Apesar de tudo isto, compreende-se bem que, neste caso, a dificuldade é imensa, por implicar uma abordagem à experiência abissal expressa na oração do Monte das Oliveiras. Porém, realizar essa abordagem, também não está, totalmente, fora do nosso alcance. Porque, qualquer que seja o mistério da pessoa de Jesus, ele não anula dois fatos certos e fundamentais. Quem ali sofre e ora, é um homem real, feito da nossa própria carne, que sente e pensa com um coração e um cérebro verdadeiramente humanos. Em segundo lugar, a realidade que ele vive e interpreta é a mesma que nós vivemos: seres humanos que, nascidos e protegidos por Deus Pai em quem acreditamos, precisamos de enfrentar o mesmo problema de fundo. Como Jesus, também nós somos feridos pela cruel mordidela do mal, na sua dupla e feroz dimensão: sofrimento físico e mal moral. Por isso é que a lição de Jesus pode ser, e é realmente, válida também para nós. Por isso é que o Vaticano II, numa das suas mais altas intuições, pôde afirmar que, no mistério de Cristo, se revela, também, o mistério de toda a pessoa humana (cf. *Gaudium et spes*, 22).

Em suma, aceitar e tentar seguir o evangelho de Jesus significa enfrentar o mesmo problema que ele, e, portanto, o sentido da nossa oração deve ser o mesmo. O sentido, e não, necessariamente, as palavras. Porque não só é inevitável que estas deixem transparecer a marca da situação histórica vivida por Jesus, como, precisamente por esse motivo, o nosso dever é atender às possibilidades, aos problemas e às exigências que nos permitam atualizar esse mesmo sentido, de forma a que a interpretação resulte compreensível e fecunda na situação atual.

Felizmente, o significado fundamental surge admiravelmente refletido nas palavras que iniciam e encerram a oração de Jesus: “Pai” e “o que quiseres”. Elas refletem, duma forma unívoca, tanto a confiança no amor de Deus, como a decisão de se identificar com a sua vontade. Esta sensação é bem firme, quer no início, quer no fim da oração. É, de facto, uma sensação tão viva, que a cena nos continua a dizer hoje algo de muito profundo, comovendo os nossos corações, e tornando fecundo o chamamento divino. Daí que a interpretação se possa alimentar deste sentido, e deva permanecer dentro do seu horizonte.

O problema está, precisamente, neste segundo nível: o da interpretação atual, isto é, na forma como devemos entendê-la hoje, iluminados e apoiados pela oração feita, então, por Jesus. Para o conseguirmos, é essencial ter em consideração a “distância temporal” (Gadamer), reconhecendo os pressupostos ou preconceitos religioso-culturais presentes nas palavras de Jesus, porque já não são nem podem ser os nossos. No parágrafo, anterior ficou bem claro, espero eu, que isso se revela nos dois pressupostos fundamentais

que ali surgem: 1) “tu podes fazer tudo, afasta de mim este cálice”, 2) “mas não se faça o que eu quero”. Ambos são típicos de uma cultura ainda não marcada pelo sentido expresso da autonomia da criatura.

O que se nota sobretudo no primeiro. Na mentalidade bíblica de então, o “intervencionismo” de Deus no mundo, tanto físico, para fazer chover ou enviar secas, como moral, para impor castigos ou conceder vitórias, era algo evidente e bem conhecido. O mal representava um problema, pois, também então, se fazia sentir o que hoje chamamos uma clara “dissonância cognitiva”: se tudo era causado por Deus, também o mal o era, o que colidia, frontalmente, com a fé na sua bondade. Na cultura da época, porém, os crentes viviam num ambiente que não questionava a fé na existência de Deus, nem no seu senhorio sobre o mundo e a história. Assim, apesar de já ter havido na Bíblia crises tão duras quanto as de Jó, a dissonância era, perfeitamente, integrável numa visão global: se Deus ordenava algo, estava no seu direito; duma forma ou doutra, se o fazia, era “por ser necessário”, e devia haver algum sentido nisso.

A oração de Jesus decorre dentro destas coordenadas teológico-culturais. Não podemos ter a certeza da maneira concreta como ele, *teoricamente*, resolveu esta dissonância; mas tudo nos inclina a pensar que o fez de acordo com uma linha tradicional. Com a peculiaridade de, neste seu caso, a dissonância alcançar o grau máximo de sutileza. Por um lado, Jesus sabia que Deus podia livrá-lo daquela situação: “tu podes tudo”, e daí implorar: “afasta de mim este cálice”. Mas, por outro lado, o próprio núcleo da sua mensagem consistia na proclamação específica de Deus como *Abba* de amor infinito e incondicional, de quem somente nos

poderiam vir bens e bênçãos, mesmo para os considerados maus e pecadores. Recordemos: “se vós sendo maus ..., quanto mais o vosso Pai celestial!”. Grande e admirável, aqui, é o facto de, apesar de tudo isto, e de o mal que o ameaçava ser literalmente espantoso, Jesus não ter fraquejado na sua confiança, mas tê-la confirmado incondicionalmente: “faça-se como tu queres”.

O processo íntimo da sua interpretação, nunca se poderá dar como encerrado para sempre no mistério desta cena sublime. Muito provavelmente, Jesus foi ajudado pela piedade salmista e pela tradição profética; também poderá ter sido iluminado pela figura do Servo sofredor, de Isaías. De qualquer modo, assumindo, aprofundando e recriando, na sua experiência, a plena confiança no Pai e a fidelidade sem brechas à sua vontade, foi capaz de superar a dissonância, pensando que tudo acontece por “ser necessário” (conceito refletido em grego no *dei* dos evangelhos) e que, por caminhos porventura misteriosos, ele fazia parte do plano divino da salvação.

Levando em conta a conjunção ocorrida, neste seu caso, entre a intensidade da dissonância devido à natureza horrível do perigo, e a insuficiência da solução teórica no que se refere ao condicionamento cultural, longe de anular ou enfraquecer o valor exemplar e a profundidade reveladora da oração de Jesus, esses elementos, apenas, os reforçam ao máximo. É por isso que esta oração continua a ser vista como um exemplo vivo de confiança, à prova de toda e qualquer a crise: aconteça o que acontecer, mesmo nas maiores angústias e nas situações mais injustas e incompreensíveis, é possível confiar em Deus. A tarefa atual consiste em aceitar a lição intransponível de

confiança e fidelidade, atualizando, porém, o plano teórico em que a devemos interpretar e viver hoje em dia, segundo as exigências e possibilidades da nossa cultura.

### **O papa Francisco e a oração**

É possível que nenhum papa tenha falado tanto sobre a oração como Francisco. Desde que aceitou o pontificado, é constante a sua exortação para que rezem por ele, repetindo-a sempre que pode, qualquer que seja a importância do momento. Esta insistência não se limita à linguagem espontânea; surge também nos documentos. No número 154 da Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, faz o seguinte aviso: “Não diminuamos o valor da oração de petição, que tantas vezes nos serena o coração e nos ajuda a continuar a lutar com esperança”. E continua: “O pedido de intercessão tem um particular valor, por ser um ato de confiança em Deus e, ao mesmo tempo, uma expressão de amor ao próximo”. Já numa ocasião anterior, tinha escrito: “Negar que a oração de petição seja superior às outras orações, revela um refinado orgulho, pois, apenas, quando assumimos o papel de pedintes nos reconhecemos como criaturas” (*Mente abierta, corazón creyente*, Madrid, 2013, 20).

***É possível que nenhum papa tenha falado tanto sobre a oração como Francisco***

### **Entre as palavras e o sentido**

Se atendermos, apenas, às palavras, pode parecer que tudo quanto aqui digo

deva ser considerado como uma espécie de crítica ou desqualificação da doutrina de Jesus. É evidente que, de maneira nenhuma, é essa a minha intenção. Já o não era antes, quando, “com temor e tremor”, abordei a oração do Monte das Oliveiras. Muito menos o será agora. E também neste caso, acho que, submeter a letra a uma análise crítica, representa a melhor maneira de recuperar e preservar a intenção autêntica nela expressa. Basta ler as quatro páginas que, segundo, confidências suas, F. Prado Ayuso dedica, no seu livro, simples, mas lúcido e empático, à práxis da oração de Francisco, para se entender a autenticidade evangélica e a verdadeira profundidade de espírito – do Espírito – que inspira as suas palavras. Tudo isto é bem expresso pelas palavras escolhidas pelo autor para título do referido livro: *No podemos dejar de respirar* (Madrid 2019), a oração é o verdadeiro alento da sua vida.

Uma leitura minimamente atenta à distinção entre o registo de confiança e o inspirado na lógica abstrata, não tarda, um segundo sequer, a verificar que toda a ênfase de Francisco é posta na confiança. Nas mesmas frases em que afirma a necessidade da petição, mostra, de imediato, que o que pretende assegurar são os valores da confiança: serena o nosso coração e alimenta-nos a esperança. Quanto à intercessão, que no registo da lógica abstrata poderia introduzir, a oração, no mundo sombrio de recomendações ou, até, dos subornos, defende-a por ela expressar amor pelo próximo, e por nos incentivar ao compromisso fraterno. E as palavras estranhamente duras – orgulho refinado – contra as críticas à oração de petição, baseiam-se na preocupação de isso implicar o não reconhecimento das criaturas.

Estou confiante de que, após as anteriores reflexões, fique bem claro que, desistir da oração de petição – e apenas dela! – longe de negar ou enfraquecer valores já referidos anteriormente, os reafirma numa forma bem clara e direta. Mais ainda, isso fará não só que esses valores sejam limpos de falsas excrescências, como representa, hoje em dia, a única possibilidade real de os defender contra abusos internos, ou fáceis e duras acusações externas. A prova está no facto de a persistência na oração de petição estar a provocar demasiados atos e celebrações, face à terrível situação por que a humanidade está a passar, que não se livram de um milagrismo anacrónico, e nem sempre escapam ao perigo de se assemelharem muito, a uma caricatura da verdadeira fé.

Um resultado, esse sim, que, com toda certeza, contraria o sentido autêntico e a verdadeira intenção do que Francisco busca promover. Para o comprovar, basta contemplar, com um olhar límpido e cordial sintonia, o seu apelo à oração. É fácil verificar que este consiste numa exortação incessante e apaixonada à promoção da confiança na compaixão amorosa de Deus, sempre e indissolivelmente ligada ao compromisso com os irmãos, especialmente com os que sofrem, os desamparados e os rejeitados.

Neste sentido, a homilia pronunciada aquando da bênção *Urbi et orbi* a propósito do coronavírus, é um exemplo quase intransponível. O simbolismo da cena escolhida, prestava-se a isso, com Jesus no barco, aparentemente a dormir, e os discípulos angustiados no meio da tempestade. A homilia coloca a ênfase da oração na sua verdadeira perspetiva: um apelo à confiança em Deus e à solidariedade com os irmãos.

Note-se: é Jesus, e nele é Deus, que tem toda a iniciativa, chamando, questionando e convidando-nos a despertar, convocando-nos à solidariedade e à esperança, a confiar e a não ter medo.

Falo de um exemplo “quase intransponível”, porque, na forma desta homilia, subsistem, ainda, contudo, alguns traços cujo movimento parece ir de nós para Deus, e não de Deus para nós. Esclareçamo-lo com uma observação, um tanto banal, mas significativa, a propósito de um parágrafo curioso: começa no registo de confiança, pois é Jesus quem, estando presente, anima e exorta: “Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?”; mas depois, o papa, sem aviso prévio e sem respeitar o requisito mínimo do registo lógico, inverte a perspectiva, colocando Jesus fora do barco, e atribuindo a iniciativa aos discípulos: “Vamos convidar Jesus para o barco da nossa vida”.

A simplicidade puramente ocasional deste exemplo indica que, na realidade, o problema não é de substância, mas de forma ou, se quisermos, de inércia teológica. A prova está no facto de, quando a experiência real prevalece, o vocabulário recuperar o seu verdadeiro sentido: “O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e a ativar esta solidariedade e esperança”. Vale a pena insistir, para vermos como, apesar das muitas expressões verbais que parecem surgir em sentido contrário, é esse o dinamismo substancial que anima a oração de Francisco.

Vem a propósito citar dois parágrafos que, devido ao seu expresso carácter reflexivo, o confirmam de forma bem clara e convincente: “Rezai sempre, mas não para convencer o Senhor à força,

com as vossas palavras! Ele bem sabe, melhor do que nós, aquilo de que temos necessidade! A oração perseverante é, precisamente, a expressão da fé num Deus que nos incita a combater com Ele, todos os dias e a cada momento, para vencermos o mal com o bem” (*Angelus*, 20 de outubro de 2013). “A oração cristã é, sobretudo, dar uma oportunidade a Deus, deixando que ele manifeste a sua santidade em nós, fazendo que o seu Reino progrida, a partir da possibilidade de exercer o seu senhorio de amor na nossa vida [...] Não vale a pena insistir com Deus para o convencer, mas sim para fortalecer a nossa fé e a nossa paciência, isto é, a nossa capacidade de lutar, juntamente com Deus, pelas coisas realmente importantes e necessárias. Na oração somos dois: Deus e eu, a lutarmos juntos pelo que é importante” (*Angelus*, 24 de julho de 2016).

### **Papa pastor, na paróquia do mundo**

Francisco é um papa pastor, e compreende-se bem que ele dê primazia ao registo da confiança. Quer incentivar-nos ao contato com Deus, a experimentarmos a alegria da sua bondade, à confiança na sua compaixão, e ao compromisso de amor com os irmãos. Dedicar-se, de corpo e alma, a promover esses valores. A sua atitude traz-nos à memória um livro escrito por Yves Congar, nos anos sessenta do século passado, onde dizia que a sua paróquia era, para ele, um vasto mundo (*Vaste monde, ma paroisse*). O sopro do Espírito trouxe Francisco da outra extremidade do planeta, convertendo-o no verdadeiro pastor do mundo. De um mundo cuja fé ele é chamado a educar na nova cultura, muito trabalhada pela crítica da religião e submetida a um intenso processo de secularização. É

necessário um novo equilíbrio que, mantendo a confiança, não negligencie a lógica. Caso contrário, será cada vez mais difícil, para os fiéis, manter intacta a imagem de Deus Abba, anunciada por Jesus. Francisco reúne em si a fé aberta de João XXIII, e a sensibilidade modernizadora de Paulo VI, e é dono de uma criatividade expressiva sem precedentes. Ele teria todas as condições de, pelo menos, iniciar uma renovação na forma de se orar.

É com certeza impossível levá-la a cabo, agora e imediatamente. Mas seria bom que esta preocupação fosse reconhecida, e que se iniciasse um desses grandes “processos” que ele vem desencadeando. Pessoalmente, graças à força irradiante da sua confiança e à vivacidade da sua linguagem, faz mais do que poderia parecer à primeira vista. Para começar, não tem medo de recorrer a expressões surpreendentes, como faz, por exemplo, com o símbolo de Deus a bater à nossa porta no Apocalipse. Com um golpe de eloquência genial, dá a volta à situação, afirmando que, na realidade, Deus não está fora, mas sim a chamar-nos no íntimo de nós mesmos. Em sintonia com a atual superação do dualismo sobrenaturalista, não só destaca, assim, a iniciativa divina, como a expressa em seu momento inicial da imanência criadora, amorosa e sempre rendida de Deus, a solicitar que o acolhamos. Ou seja, afirma, com mais energia ainda, a mensagem seguinte: seria absurdo pedir a Deus que entrasse.

De qualquer forma, há duas coisas importantes que estão na sua mão. A primeira: iniciar a renovação dos livros litúrgicos, atualizando as orações, e fazendo uma urgente revisão das leituras (termino a redação destas páginas, depois de participar na emocionante celebração papal, nesta

estranha quinta-feira santa; mais uma vez, fiquei abalado por ver como é possível que continuemos a proclamar leituras que nos retratam Deus a matar todos os primogênitos do Egito.) A segunda: incentivar os teólogos e as próprias comunidades a participarem na criação de novas orações e novas celebrações, que vão reconfigurando um imaginário coletivo, sempre no respeito pelo santo nome do Pai (Mãe) e no gozo da sua compaixão e ternura.

Francisco, porém, enquanto pároco do mundo, dada a sua dedicação sem reservas à causa dos desfavorecidos, é também, hoje em dia, a voz mais viva e autêntica da consciência ética e moral da humanidade. Nesse sentido, torna-se ainda mais urgente a existência de um cuidado especial na linguagem da oração, para que a dissonância no registo da lógica, não oculte a transparência universal da sua mensagem. Com uma límpida e comprometida sintonia, ele tem vindo a reconhecer e a proclamar a grandeza humana da explosão de generosidade, em tantas pessoas que têm exposto as suas vidas pelos outros. A sua palavra tem todas as condições para ajudar muita gente a descobrir a alegria de saber que, nesta entrega aos irmãos, são incentivados e acompanhados pelo amor de um Deus que, mais não busca, do que a vida e a felicidade para esta humanidade, a atravessar um transe tão duro e doloroso.



**Andrés T. Queiruga.**

Teólogo

[https://www.religiondigital.org/opinion/Andres-Torres-Queiruga-Seguimos-Padre-palabras-oracion-peticion-queja-teologia-coronavirus-francisco\\_0\\_222217792.html](https://www.religiondigital.org/opinion/Andres-Torres-Queiruga-Seguimos-Padre-palabras-oracion-peticion-queja-teologia-coronavirus-francisco_0_222217792.html)  
(14.04.2020)

# ALIVIAR O SOFRIMENTO

**A**DOENÇA é uma das experiências mais duras do ser humano. Não só padece o doente que sente a sua vida ameaçada e sofre sem saber porquê, para quê e até quando. Sofre também a sua família, os entes queridos e os que o cuidam.

De pouco servem as palavras e explicações. O que fazer quando a ciência já não pode deter o inevitável? Como lidar humanamente com a deterioração? Como estar junto ao familiar ou amigo gravemente doente?

O primeiro é aproximar-se. Ao que sofre não se pode ajudar de longe. Há que estar perto. Sem pressas, com discrição e respeito total. Ajudá-lo a lutar contra a dor. Dar-lhe forças para que colabore com aqueles que tratam de o curar.

Isto requer acompanhá-lo nas várias etapas da doença e nos diferentes estados de ânimo. Oferecer-lhe o que necessita em cada momento. Não nos incomodarmos com a sua irritabilidade. Ter paciência. Permanecer junto a ele.

É importante ouvi-lo. Que o doente possa contar e partilhar o que vai dentro de si: as esperanças frustradas, as suas queixas e medos, a sua angústia perante o futuro. É um respirar para o doente poder desabafar com alguém de confiança. Nem sempre é fácil ouvir. Requer colocar-se no lugar do que sofre, e estar atentos ao que nos diz com as suas palavras e, sobretudo, com os seus silêncios, gestos e olhares.

A verdadeira escuta exige acolher e compreender as reações do doente. A incompreensão fere profundamente a quem está a sofrer e se queixa. De nada servem conselhos, razões ou explicações doudas. Só a compreensão de quem acompanha com carinho e respeito pode aliviar.

A pessoa pode adotar ante a doença atitudes saudáveis e positivas, ou pode deixar-se destruir por

sentimentos estereis e negativos. Muitas vezes necessitará de ajuda para confiar e colaborar com os que o atendem, para não se encerrar sozinho na sua dor, para ter paciência consigo mesmo, ou para ser agradecido.

O doente pode necessitar também de se reconciliar consigo mesmo, curar feridas do passado, dar um sentido mais profundo ao seu sofrimento, purificar a sua relação com Deus. O crente pode então ajudá-lo a orar, a viver com paz interior, a crer no Seu perdão e a confiar no Seu amor salvador.

O Evangelista Marcos diz-nos que as gentes levavam os seus doentes e possuídos a Jesus. Ele sabia acolhe-los com carinho, despertar a sua confiança em Deus, perdoar o seu pecado, aliviar a sua dor, e curar a sua doença. A sua ação face ao sofrimento humano sempre será para os cristãos o exemplo a seguir no trato com os doentes.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA  
Tempo Comum 5 – B (Mc 1, 29-39)